

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: QUESTÕES IDENTITÁRIAS X PRÁTICA DOCENTE

Daniele Lúcia de Freitas Bruno (UNIGRANRIO)

danifreitasbruno@hotmail.com

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO

O trabalho refere-se à análise, reflexão e compreensão da prática de profissionais das séries iniciais de escolarização de uma escola municipal de Nova Iguaçu, inserida num contexto social de pobreza e violência, frente a uma escola tradicional do município do Rio de Janeiro, da rede FAETEC, que atende a crianças inseridas em diferentes realidades sociais, visto que o acesso se dá por sorteio e os alunos vêm de diferentes lugares do estado do Rio de Janeiro. Na prática docente é de grande relevância a consideração das questões identitárias que envolvem os sujeitos do processo ensino/aprendizagem. A identidade é reduzida pelo senso comum às características individuais de cada sujeito, sem problematizar o meio que o cerca e as questões culturais em torno das localidades em que estão inseridos, tão diversas quanto os próprios sujeitos. Assim, espera-se refletir sobre as influências da localidade no processo de aquisição da leitura e escrita, a fim de contribuir para repensarmos o papel da escola. A obra *A Ideia de Cultura*, de Terry Eagleton, embasa esse pensamento ao questionar sobre a influência do meio ambiente no ser humano. Vivemos numa sociedade aonde as informações chegam cada vez mais rapidamente aos indivíduos, o desafio é fazer com que todos os sujeitos, respeitando a diversidade identitária, consigam decodificar e interagir com estas informações autonomamente.

Palavras chave: Alfabetização. Letramento. Cultura. Identidade. Prática docente.

1. *Alfabetização X letramento*

Considerando os problemas educacionais que nos norteiam, percebe-se uma grande preocupação com o processo de alfabetização. Atualmente, ao falar sobre o processo de aquisição da leitura e escrita, alguns autores se dividem em chamá-lo apenas de alfabetização e outros acres-

centam o significado de aplicação na vida prática, chegando ao termo letramento.

Magda Soares (2008), diz que alfabetização é a condição de saber ler e escrever e letramento é saber fazer o uso do ler e escrever, respondendo às exigências da sociedade.

Alguns autores discordam da utilização desses dois termos, como Moacir Gadotti (GARCIA, 2004), que relaciona alfabetização e letramento, onde defende, a partir de uma perspectiva freiriana e nos discursos de Emília Ferreiro, que o termo “alfabetização” não pode ser reduzido a uma tecnologia ou técnica de leitura e escrita, que não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita. Fala ainda que dizer que o termo “letramento” tem um sentido mais amplo que “alfabetização” é uma tentativa de esvaziar o caráter político da educação e da alfabetização e que nega toda a tradição freiriana.

Realmente a distinção entre os termos “alfabetização” e “letramento”, mesmo com a defesa de que sejam indissociáveis, merece nossa reflexão. Carmen Perez e Mairce Araújo (GARCIA, 2004) revelam em suas escritas a alfabetização como ainda sendo o grande nó da educação brasileira, onde pouco se avançou na produção de novas teorias e conceitos, por ainda estarmos presos na questão da prática alfabetizadora. Fala sobre a invenção do termo letramento e se remetem a Tfouni para explicar que a alfabetização está sendo mal-entendida, pois está sendo vista como algo que chega a um fim, e, na verdade, o que caracteriza a alfabetização é sua incompletude. As autoras refletem a partir das ideias de diferentes teóricos e falam que alfabetização e letramento seriam fenômenos indissociáveis. Descrevem situações de aquisição da leitura e da escrita, a partir de diferentes atividades. E concluem que o mundo contemporâneo necessita de uma alfabetização articulada a um projeto social comprometido com uma sociedade mais justa e mais democrática, onde todos tenham vez e voz.

Deixemos de lado nesse momento as discussões sobre a utilização dos dois termos e os usemos juntos para dar corpo à nossa pesquisa. Assim, o que percebemos é que a escola brasileira não tem conseguido cumprir a função de alfabetizar com eficiência, no sentido de capacitar para a compreensão da realidade. E essa perspectiva reafirma a exclusão social das pessoas. A história da escola e a sociedade excludente em que vivemos apontam também para o inconformismo dos professores com o fracasso escolar de seus alunos e a busca permanente de soluções para os

desafios da realidade. Desejando-se que com o processo de alfabetização, todos os sujeitos construam sua autonomia, tornando-se autoconfiantes e capazes de ler criticamente a palavra do outro e a escrever criativamente com a sua própria palavra.

Ainda hoje, encontramos práticas alfabetizadoras desassociadas da leitura do mundo. Não estamos defendendo nenhum método, até porque todas as teorias têm suas contribuições, mas é preciso valorizar a realidade de nossos alunos, dar-lhes vez e voz, é preciso que a aprendizagem tenha significado em sua vida, é preciso uma prática interdisciplinar e contextualizada. E embora sejam evidentes as contribuições de diversos autores que promoveram mudanças nas práticas pedagógicas relativas à apropriação da leitura e da escrita, ainda há o fracasso escolar, na medida em que a grande maioria da população brasileira não tem acesso à cultura letrada. Dessa forma, de acordo com a perspectiva de alguns autores, é necessária uma mudança de paradigma no que se refere à visão de homem que se quer formar. Crítica endossada pelas palavras de Rubem Alves, ao falar da alfabetização realizada de forma fragmentada:

Se é assim que se ensina a ler, ensinando as letras, imagino que o ensino da música deveria se chamar “dorremizar”: aprender o dó, o ré, o mi... Juntam-se as notas e a música aparece! Posso imaginar, então, uma aula de iniciação musical em que os alunos ficassem repetindo as notas, sob a regência da professora, na esperança de que, da repetição das notas, a música aparecesse... (ALVES, 2001)

A reflexão de Rubem Alves demonstra uma insatisfação com o ensino e com o papel do professor na escola contemporânea. Explícita ainda que o aluno tem necessidade de uma participação mais ativa no seu processo de aprender, valorizando sua experiência cotidiana. Além disso, deve-se considerar que cada aluno é singular em suas potencialidades e possibilidades, é preciso respeitar suas individualidades, suas identidades. É preciso ressignificar o ensino da leitura, considerando sua amplitude na sociedade moderna.

2. *Identidade(s)*

Ao refletirmos sobre o processo de alfabetização é preciso pensar em questões referentes à individualidade dos alunos: à sua identidade. Ainda que o processo de constituição da identidade seja contínuo, a transformação da identidade no processo de aquisição da leitura e escrita

e sua aplicação no cotidiano envolvem fatores múltiplos e complexos que acompanharão o indivíduo por toda a vida.

Parafraseando Bauman (2005) a identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e isso está cada vez mais perceptível, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas.

Ao ser questionado sobre o fenômeno da globalização, Bauman (2005) afirma que é preciso compor a identidade como se compõe um quebra-cabeça, porém um quebra-cabeça incompleto, onde faltam muitas peças e não sabemos quantas. É preciso saber escolher as peças e colocá-las no local certo, mas não direcionado aos fins como os quebra-cabeças comprados em lojas, pois no jogo a tarefa é “direcionada para o objetivo” (montar uma imagem pronta), no caso da identidade, o trabalho é “direcionado para os meios” (BAUMAN, 2005, p. 55).

Stuart Hall (2006) apresenta o conceito do que denomina "identidades culturais" como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor entende que as condições atuais da sociedade estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9). Tais transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios.

Na prática docente é de grande relevância a consideração das questões identitárias que envolvem os sujeitos do processo ensino/aprendizagem. A identidade é reduzida pelo senso comum às características individuais de cada sujeito, sem problematizar o meio que o cerca e as questões culturais em torno das localidades em que estão inseridos, tão diversas quanto os próprios sujeitos. A partir do conceito identidade/identidades pelos autores citados, far-se-á uma reflexão sobre as influências da localidade no processo de aquisição da leitura e escrita, a fim de contribuir para repensarmos o papel da escola.

3. *Questões identitárias X prática docente*

De acordo com Eagleton (2005), “Os seres humanos não são meos produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para automoldagem arbitrária daqueles”.

Partindo de uma reflexão de acordo com o pensamento de Eagleton, foram observadas duas escolas, em diferentes localidades, com diferentes realidades de público e localização, nos anos iniciais do ensino fundamental, mas precisamente no 1º e 2º ano, onde ocorre o trabalho mais voltado para o processo de aquisição da leitura e escrita.

A primeira escola observada é a E. M. Profª Dulce de Moura Raunheitti Ribeiro, uma escola da rede municipal de Nova Iguaçu, localizada no bairro Jardim Nova Era, um bairro habitado em sua grande parte por pessoas de baixa renda, sem área de lazer e marcado pela violência local e, onde, nem mesmo todas as ruas são asfaltadas, sofrendo também com falta de água constante.

A segunda escola observada é o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), uma escola da rede FAETEC, considerada uma das mais tradicionais na área em que se localiza, na Praça da Bandeira, no município do Rio de Janeiro, atendendo um público de diferentes localidades do estado do Rio de Janeiro, oriundos das mais diversas realidades.

Na E. M. Profª Dulce de Moura temos o ciclo de alfabetização, que compreende do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, onde os alunos não ficam reprovados no 1º e 2º ano do Ciclo (salvo em caso de faltas excessivas, superiores a 25% do total de dias do ano letivo), podendo apenas ser retidos no 3º ano e apenas uma vez. Os alunos são avaliados através de relatórios bimestrais, onde são aplicados conceitos, que seriam: I – insuficiente, R – regular, B – bom e MB – muito bom.

O que se observa nessa escola é que as turmas têm em média 30 alunos, em salas pequenas, com apenas um professor, que tenta na medida do possível atender as necessidades individuais e coletivas de seus alunos. Os recursos materiais são mínimos. Além das aulas regulares, os alunos têm aula na sala de informática que conta com o Sistema Positivo, possuindo mesas interativas para auxiliar na alfabetização, aulas com o incentivador da palavra (um trabalho voltado para a contação de histórias) e aulas de educação física. Além disso, há o projeto Mais Educação, onde as crianças com mais dificuldades na aprendizagem e cujo os pais

autorizam, recebem aulas diversificadas, em contra turno, que vão desde aulas de reforço em português e matemática a aulas de recreação.

Nas salas de aula percebemos crianças em ritmos diferentes de aprendizagem, muitas até com questões a serem analisadas por especialistas, algumas em defasagem série X idade e muitos com dificuldade de aprendizagem. Percebemos também o empenho dos profissionais desta instituição, onde há um sério compromisso, desde a direção ao auxiliar de serviços gerais. Então, analisamos a realidade em que essas crianças estão inseridas. Em conversa com os orientadores pedagógicos e educacionais da instituição, tem-se como fatores que poderiam estar influenciando na aprendizagem: a falta de escolarização da família, a falta de atendimento dessas crianças por especialistas, visto que muitas vezes não se tem para onde encaminhar no próprio município e, os pais, sem recursos ou por falta de compreensão mesmo, não procuram ajuda. Muitos vivenciam situações de conflito em família ou na localidade. Alguns alunos sequer possuem seu material próprio para estudo, mesmo com a oferta deste pelo município, seja por má utilização, seja por falta de organização (dependendo nesse aspecto do apoio da família). Muitos não frequentam o projeto Mais Educação, que seria uma oportunidade de apoio pedagógico. Muitos vivem em situação precária, alimentando-se apenas na instituição escolar. Fora situações atípicas para a idade, como gravidez e envolvimento com o tráfico de drogas, dentre outras coisas.

Embora com tantas dificuldades existentes, em termos sociais, podemos afirmar que o ambiente popular, do qual grande parte de nossos alunos é oriundo, é um ambiente letrado e alfabetizador, devido estar irrigado espontaneamente de inúmeras informações textuais verbais e não-verbais, das mais diferentes origens. Porém esse meio também influencia negativamente a aprendizagem, já que muitos não conseguem superar essas questões, apresentando inúmeras dificuldades de aprendizagem. E essa defasagem no processo de alfabetização/letramento acompanha o aluno por toda a vida escolar e fora dela. É possível perceber que muitas crianças acabam não concluindo os estudos na idade certa, retomando os estudos na Educação de Jovens e Adultos com as mesmas dificuldades e muitos também acabam desistindo.

A prática docente é influenciada pelas questões identitárias. Os professores buscam trabalhar de forma diferenciada, trazendo discussão da realidade, tentando provocar uma elevação da autoestima e fazendo os alunos acreditarem que é possível transformar a realidade existente. A alfabetização/letramento objetiva que o sujeito entenda e compreenda seu

contexto, ou seja, fazendo a leitura e a escrita do mundo ao qual está inserido. A proposta é uma escola cidadã, não aquela que ainda ouvimos falar que está se preparando para a cidadania, mas aquela que “inclua o direito ao conhecimento em seu sentido mais amplo, um bem valorizadíssimo nas sociedades contemporâneas e negado à maioria da população brasileira.” (GARCIA, 2004, p. 24).

Segundo Freire (2000), “se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” Somente um povo que possa lidar com a divisão e reivindicação de poderes poderá transformar o Brasil num local mais justo, onde as pessoas falarão não da política, mas de política, isto é, não se falará dos membros corruptos, mas se falará em como dividir os lucros, com propriedade e seriedade, mas isso só poderá ocorrer se colocarmos a alma em nosso ofício, pois uma nação só se torna independente quando seus membros conseguem lidar com a liberdade de ideias e expressões uns dos outros através da educação.

Conhecer não é um ato isolado. Ele faz parte de um processo que se caracteriza fundamentalmente, pela sua pessoalidade. Cada sujeito faz sua própria construção, mas em constante troca com o mundo, com todo o contexto sociocultural que o cerca. (MOURA, 1993, p. 114)

No Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), mas precisamente no Colégio de Aplicação do ISERJ, há informalmente o ciclo de alfabetização, compreendendo o 1º e 2º ano do ensino fundamental. Os alunos não ficam reprovados no 1º ano (salvo em casos de faltas superiores a 25% do total de dias letivos). Os alunos do 1º ano são avaliados por relatórios, não recebem notas nem conceitos. Para os demais anos de escolaridade, segue-se o sistema de avaliação da FAETEC, que é por notas, anualmente temos três etapas, os alunos com média final inferior a 6.0 (seis) ficam retidos. Apesar da nota, no 2º ano ainda há a construção dos relatórios individuais.

Nesta escola, as turmas de 1º ano têm no máximo 20 alunos e as de 2º ano, no máximo 25. Em todas as turmas de 1º e 2º ano temos dois professores, a que chamamos de docência compartilhada. Além das aulas regulares, os alunos possuem aulas com professores diferenciados no laboratório de informática, no laboratório de ciências, nas aulas de educação física e na sala de leitura. Além dessas aulas extras que ambos os anos de escolaridade possuem, o 1º ano ainda possui atividade na brinquedoteca e o 2º ano possui aula de artes.

Fora isso, a partir do 2º ano, os alunos têm direito à aula de apoio, para os que estiverem com dificuldade na aprendizagem, em contra tur-

no, uma vez por semana, e, ainda participam do projeto Lendo e Escrevendo, no próprio turno, na tentativa de auxiliar no processo de alfabetização/letramento.

Além do serviço de supervisão pedagógica e orientação educacional, ainda o segmento conta com uma fonoaudióloga que avalia os alunos indicados pelos professores e encaminha aos especialistas quando necessário. Na instituição, ainda há o setor de inclusão, que auxilia o trabalho nos casos dos alunos incluídos (com necessidades educacionais especiais). Conta-se também com a sala de multimídia (antiga sala de recursos), para os alunos indicados, de acordo com a necessidade educacional especial que possuem.

As salas de aula possuem excelente espaço, que proporcionam diferentes cantinhos de aprendizagem. Dentro da instituição temos ainda museu e biblioteca que podem ser visitados pelos alunos.

Os alunos são oriundos de diferentes lugares e realidades, visto que o acesso ao CAP do ISERJ se dá por sorteio. E, embora com tantos “choques” de realidade, percebemos a maioria das famílias bem envolvidas na vida escolar de seus alunos, pois acreditam no progresso destes através da educação. Observam-se que alguns alunos possuem dificuldades de aprendizagem, mas bem menores, se comparados aos da primeira escola observada.

Observa-se também um grande comprometimento por toda a comunidade escolar. Os professores exploram o ambiente, proporcionando aulas interativas, onde os alunos desde cedo são estimulados a um olhar crítico. Há um esforço para que o trabalho seja interdisciplinar e sempre contextualizado.

Embora o meio em que o aluno vive influencie nas questões escolares, percebe-se que as boas condições oferecidas pela escola, ajudam a superar os obstáculos. Ou seja, apesar dos alunos trazerem consigo suas identidades locais, como afirma Eagleton, mesmo com a influência do meio, nossos alunos não são meros produtos deste. Há uma série de questões em torno do processo de aprendizagem e da construção das identidades de um indivíduo.

4. *Considerações finais*

Segundo Garcia (2004) não se pode apontar que a culpa do analfabetismo brasileiro está na “incapacidade das professoras para lidar com os alunos e alunas que apresentam dificuldade para aprender”, pois é perceptível, na maioria das unidades escolares, a insatisfação do professor com essa situação de fracasso escolar de seus alunos; e há uma busca frequente por soluções que levem essas crianças a avanços no campo geral da leitura e escrita, ou seja, situações que resultem numa escola pública de qualidade.

Ao observarmos a escola municipal de Nova Iguaçu e a escola da rede FAETEC, é possível notar que a maioria dos profissionais questionam, não se conformam e estão normalmente dispostos a experimentar novos caminhos que os levem ao sucesso, ou seja, que os auxiliem a caminhar rumo ao alcance dos objetivos, que é a alfabetizar crianças, fazendo-as interagir com o processo de leitura e escrita em sua forma mais bonita que é a social.

De acordo com Paulo Freire, a alfabetização:

[...] tem que ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que ver com a formação da cidadania, tem. É preciso, porém, sabermos, primeiro que ela não é a alavanca de uma tal formação – ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania – segundo, é necessário que a tomemos e a façamos como um ato político, jamais como um que fazer neutro (FREIRE, 1987, p. 58).

Formar o cidadão não é tarefa apenas da escola. No entanto, como local privilegiado de trabalho com o conhecimento, tem grande responsabilidade nessa formação. A vida escolar possibilita exercer diferentes papéis, em grupos variados, facilitando a integração de seus alunos no contexto maior.

Vivemos numa sociedade aonde as informações chegam cada vez mais rapidamente aos indivíduos, o desafio é fazer com que todos os sujeitos, respeitando a diversidade identitária, consigam decodificar e interagir com estas informações autonomamente.

Podemos concluir que a alfabetização/letramento é um processo que envolve a identidade de cada indivíduo, não podendo ser vista como uma prática isolada, mas a construção de uma identidade social, exercida como um ato político e um ato de conhecimento, um ato de criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. O prazer da leitura. *Correio Popular*, Caderno C, 19-07-2001. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br.htm>>. Acesso em: 18-07-2010.

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GARCIA, Regina Leite (Org.). *Novos olhares sobre a alfabetização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

MOURA, D. G. *A dimensão lúdica no ensino de ciências*. 1993. – Tese (de Doutorado). Faculdade de Educação/USP, São Paulo.

SOARES, M. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2008.